

# Série *Memória* 167

Editada pelo Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura

## A Capitânea "Vitória-Régia"

**Almir Diniz\***

Jornalista, prosador e poeta

Folheio, com avidez, e certa angústia, meu secreto livro da memória, procurando alguma informação, um resquício de lembrança qualquer, sobre o destino que teriam dado à "Vitória-Régia".

Há-de o leitor prontamente perguntar-se, se observador for, o porquê de a "Vitória-Régia" e não, simplesmente vitória-régia, sem a partícula definidora.

Razão terá o acurado leitor. Porque vitória-régia, no caso, não se trata da famosa uapê, a notável, e de certo modo lendária e mística "rainha-das-águas", a inigualável flor dos pântanos e charcos, a deusa das águas paradas e mornas. Mas, sim, de uma bela canoa de forma, trabalhada em itaúba rio-negrina, a soberba capitânea das canoas-de-





capim da várzea do Cambixe, com seus 40 palmos de comprimento e arqueamento perfeito, sempre calafetada com esmero e sempre pintada de azul. Ela sempre embalou meus sonhos de juventude, de um dia tripulá-la, na condição de capineiro – que era uma casta privilegiada e reconhecida entre as rústicas profissões da singular atividade criatória em terras alagadiças.

A última vez que vi a “Vitória-Rêgia”, a deusa encontrava-se descansando de sua mais recente e árdua missão cíclica, acondicionada no interior de uma casa tipo maromba construída, especialmente, para abrigá-la no seu recesso de todo ano. Para ela e, para ser justo, também, de sua parceira de labuta anual, a “Floresta”, verde como os pastos artificiais da propriedade, medindo 37 palmos, de proa à popa, e muito charme, desde que muito esguia e faceira.

O tempo passou.

Anos decorridos, voltando à minha várzea querida, quis rever a bela “Vitória-Rêgia”. Nem ela, nem a “Floresta”. Sequer a maromba que as abrigara. A casa-tipo, ao fundo do qual ficava o paiol onde eram guardados jerimuns “caboclo” e de “leite” além de milho empalhado destinado ao suplemento alimentar dos xerimbabos da “Fazenda Acaraú” durante as enchentes. Fazenda... – que fazenda? – Na verdade uma pequena chácara onde não havia mais de 100 cabeças de bovinos e uns quantos suínos da raça “baié” e outros pequenos animais de terreiro.

Contrastado, recolhi a indagação que me propunha fazê-la, sobre o destino dado às duas canoas. Deduzi que teriam sido descartadas em face da extinção dos imensos canaranais do Lago do Rei e de seus 68 tributários, destruídos pela ignorância dos catadores de ovos de tracajá, ou, simplesmente, por pura maldade.

Da “Vitória-Rêgia”, que eu saiba, não restou, sequer, uma única fotografia. Uma pena porque já me propusera a colocá-la num salão a ser construído, à moda de museu, com o intuito de preservar a memória de importante fase da colonização da várzea Careiro-Cambixe.

Revejo-a, porém, em pensamento, na nobreza de suas linhas clássicas, sempre pintada de azul, magnífica no seu talhe de leveza plena, orgulhosa, por certo, da condição de capitânea. Ei-la, soberba, exibindo notável poder de flutuação cortando, maneira e ligeira, após liberta da carga de capim, as águas barrentas do

Paraná do Cambixe ou, singrando, pesada, o delírio líquido do majestoso Lago do Rei, com o “serrote” perfeito da carga verde de canarana. Lá vem ela, pelo mar da lembrança, esbanjando beleza, gravada na tela mental da recordação eternamente agradecida dessa visão imorredoura de minha meninice e juventude, que não se esvae nunca.

Ah! “Vitória-Rêgia”, se artista plástico eu fosse haveria de te imortalizar como obra-prima do gênio da tanoaria. A ti, “Vitória-Rêgia”, o soneto:

#### CANOA

Lá vem a canoa, mansamente,  
na impulsão dos remos – primitiva! –  
vem deslocando espumas, ternamente,  
num suave ondear, como o da brisa.

Vem vagarosa, vem contra a corrente  
semeando rumores, sensitiva...  
no rebojo que forma, de repente,  
desenvolve sua essência criativa.

Toldando de sorrisos cristalinos  
o banheiro que beija os murerus  
e a canarana embala e encanta a vista...

Vem mansa, ciciando tons divinos,  
murmúrios, cantos tais, que sem supus  
coubessem num soneto nativista.

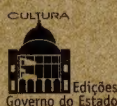
\*Autor de 25 títulos entre os quais:  
Corpo de Mulher, Paiol de Lembranças e A Virgem de Taipa.

A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

Eduardo Braga

Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga  
na sessão solene de posse em 1º de janeiro de 2003.

## Série Memória



8ª edição – n.º 167 – novembro-2009

Governador do Amazonas  
EDUARDO BRAGA

Vice-Governador do Amazonas  
OMAR AZIZ

Secretário de Estado da Cultura  
ROBÉRIO BRAGA

Assessor de Edições  
ANTÔNIO AUZIER

CULTURA  
Secretaria do Estado







# AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

## Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

**Contato**

**E-mail: [acervodigitalsec@gmail.com](mailto:acervodigitalsec@gmail.com)**

